



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS/LÍNGUA ESTRANGEIRA

VANUSA DOS SANTOS LIMA

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO**

Amargosa
2016

VANUSA DOS SANTOS LIMA

**O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de título de graduação em letras da Universidade federal do Recôncavo da Bahia Centro de Formação de Professores.

Orientador: Prof. Eleomarques Rocha

Amargosa -Ba

2016

AGRADECIMENTOS

A Deus, aquele que fez e faz tudo acontecer em minha vida, sem ele não seria nada e nem chegaria aqui.

A minha família que é a minha base, principalmente meus pais que mesmo sem estudo sempre nos incentivaram a estudar. Aos meus irmãos que nos momentos em que pensei em desistir me deram forças para continuar e especialmente ao meu irmão Isaías pela colaboração de me conduzir da Universidade até em casa nestes quatro anos de estudo. E também ao meu cunhado. A minha cunhada que chegou ao fim dessa minha carreira acadêmica mas de certa forma faz parte deste momento. Enfim a toda minha família, tios, tias, primos, primas.

Aos meus colegas de classe, que eu não poderia deixar de agradecer, e em especial as que caminharam junto comigo.

Ao meu Orientador Eleomarques ferreira Rocha por ter me aceitado e suportado em todo o decorrer deste trabalho.

Ao meu professor das disciplinas de Língua Inglesa na Universidade que foi onde comecei a gostar da Língua, a partir de Inglês I.

A todo corpo docente do curso de Letras Libras/Língua Estrangeira.

À escola que me permitiu fazer a pesquisa e aos professores e alunos que aceitaram de livre e espontânea vontade participar.

A todos os meus amigos, pelo incentivo e força que depositaram em mim.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para este sonho chegar a ser realizado.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda
pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

O presente estudo, intitulado “O ensino da língua inglesa em uma escola pública do ensino médio”, teve como objetivo pesquisar o contexto escolar bem como examinar as opiniões de alunos e professores da disciplina, fazendo uma análise qualitativa sobre a situação atual do ensino. Trata-se de um estudo de caso que utiliza, como ferramentas, a observação e questionários para a coleta de dados da escola, de professores e alunos. Para a análise dos resultados, compararam-se as respostas dos professores e alunos com os dados da observação e textos teóricos que abordam o ensino da língua inglesa, a formação dos professores, a metodologia de ensino e o livro didático. Com base em autores como Cruz (2011), que discute a *não formação* do professor e a banalização da disciplina de inglês, e também de Paiva (2009), que argumenta sobre a metodologia a ser utilizada em sala de aula e Silva & Rocha (2012), que discutem o papel livro do didático de língua inglesa, procurou-se avaliar os resultados da pesquisa e verificar as condições do ensino da língua inglesa. Os dados obtidos comprovaram que o contexto da escola pública com relação ao ensino de inglês enfrenta alguns desafios, mas também foram identificadas possibilidades de melhorias no ensino. Questões como a formação e a fluência do professor, assim como o uso do livro didático, são discutidas na pesquisa

Palavras-chave: Língua inglesa; ensino; ensino médio; educação pública.

ABSTRACT

This study, entitled "Teaching English in a public high school", investigated the school context as well as the opinions of English language students and teachers, conducting a qualitative analysis of the current teaching situation. It is a case study that utilizes, as tools, observation and questionnaires to collect school, teacher, and student data. For analysis of the results, teacher and student answers were compared to the observation data and theoretical texts dealing with teacher development, teaching methodology, and textbooks. Based on such authors as Cruz (2011), who discusses the non-development of the teacher and the banalization of the English subject, and also Paiva (2009), who argues about the methodology to use in the classroom, and Silva & Rocha (2012), who discuss the role of the English textbook, an attempt was made to evaluate the research results and inquire as to the current status of English teaching at the school. Data obtained in the research showed that the school context in relation to teaching English faces a few challenges, but possibilities of improvement have been identified. Issues such as teacher development and fluency, as well as the use of textbooks, are discussed in the study.

Keywords: English language; teaching; high school; public education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alunos da participante 1 (AP1).....	25
Figura 2 – Alunos da participante 2 (AP2).....	27

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA	11
2.1	O ensino de língua estrangeira e a Linguística aplicada (LA).....	11
2.2	As quatro habilidades	13
2.3	Perfil do professor	14
2.4	Metodologia de ensino	16
2.5	Livro Didático	17
3	ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	19
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS	22
4.1	Livro didático: uma ferramenta de ensino.....	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
6	REFERÊNCIAS	36
7	ANEXOS	38

1 INTRODUÇÃO

A idéia de ter o ensino de Língua Inglesa como objeto de estudo nesta pesquisa surgiu a partir da experiência vivida na minha educação básica, na qual, apesar de ter cursado, durante sete anos, a disciplina língua inglesa, quase nada aprendi. Assim, pretendo analisar essa realidade que consta na educação básica, na qual há grande dificuldade de aprendizado por parte dos alunos, pois nas escolas públicas a carga horária é reduzida e os materiais disponibilizados para o estudo são escassos. Além disso, há professores formados na área que não têm proficiência na língua inglesa. Partindo deste pressuposto de que a escola disponibiliza de poucos materiais e que existe o profissional da área porém sem experiência, pode-se constatar se houve mudanças da minha época escolar entre os anos de 2001 à 2007 até os dias de hoje.

Sabe-se que o inglês hoje não é apenas mais uma disciplina escolar e sim uma língua que pode dar acesso ao mundo acadêmico. Holden (2009, p.13 *apud* Vilaça, 2010) aponta que:

Hoje, o inglês talvez seja o principal exemplo de um idioma global. É usado para transmitir informações em áreas como ciência e tecnologia, nas artes e no mundo do trabalho. É por isso que os pais ficam tão interessados em que seus filhos o aprendam. Os alunos também percebem que o inglês é mais que uma matéria escolar: é importante para o futuro sucesso deles.

Apesar disso, no ensino e aprendizagem da língua inglesa nas escolas da educação básica, há um déficit, pois na maioria das vezes o professor não é formado na área nem têm proficiência na língua. Como argumenta Oliveira (2009) “ a grande maioria dos professores de línguas estrangeiras nas escolas públicas no Brasil falam muito pouco ou não falam a língua estrangeira que lecionam”. Também ocorre que a metodologia aplicada na sala pode não se adequar ao nível da turma. Uma vez que o professor não tenta analisar sua turma através de levantamento de opiniões e interesses em materiais e atividades a serem utilizados e realizados durante o curso, sua atividade não terá sucesso. Acredito que seja de incumbência do professor no ensino de línguas se adequar ao máximo possível à turma e, junto com seus alunos, traçar estratégias para ter um ensino e transmitir motivação pelo estudo da língua por parte de seus educandos.

Observando como ocorre o ensino da língua inglesa na educação básica, pode-se discutir como acontece essa troca de informação entre professor e alunos na língua inglesa e, paralelo a isso, pode-se analisar se há pontos que ainda precisam de melhorias. É importante destacar as questões onde há déficit para que os futuros professores possam pensar em metodologias diferenciadas.

Nos dias atuais, a língua inglesa não é somente algo cultural, de lazer do indivíduo, mas sim uma ferramenta de comunicação e trabalho no mundo globalizado. Vilaça (2010) ressalta que “o inglês pode ser um requisito para pleitear uma vaga de emprego ou como fator de impacto positivo significativo para a empregabilidade”. Portanto, discute-se este ensino e reflete-se sobre como essa língua chega até os ouvidos dos alunos, já que é uma disciplina obrigatória nas escolas.

Desde então, perguntas, curiosidades começaram a aparecer e o interesse de ensinar o inglês ainda mais. Estudos comprovam o que passei no meu ensino da educação básica e mostram que houve e/ou não houve algumas mudanças.

A pesquisa realizada e apresentada neste trabalho foi de cunho qualitativo e descreve as opiniões dos professores e dos alunos pesquisados. Em seguida comparando com alguns autores que estudam o tema em questão fez-se a análise dos dados.

Para a realização deste trabalho, escolheu-se o tema “ O ensino da Língua Inglesa em uma escola pública do ensino médio” a partir de experiências vividas e pelo contato com a língua na carreira acadêmica.

Esta pesquisa teve como objetivos observar e discutir a atual realidade do ensino da língua inglesa na escola estudada, a partir da análise de questionários de turmas de uma escola do ensino médio, como também avaliar estratégias que contribuam para a aprendizagem do aluno e analisar a opinião dos alunos e professores em relação à disciplina.

Através da escolha do tema, houve questionamentos como: “Qual a condição do ensino do inglês na educação básica”? “ O que pode ser feito para melhorar”? Para tais indagações foram encontrados dados para questionamentos das hipóteses a partir da pesquisa realizada.

Com base nestas questões, a fundamentação teórica parte de autores que são mais próximos da realidade da pesquisa e abordam o problema do ensino da língua

inglesa nas escolas públicas de modo abrangente. Autores como Cruz (2011), Silva e Rocha (2012), Paiva (2009), entre outros, discutem o ensino da Língua Inglesa na escola pública e como é o perfil deste ensino quanto a formação do professor e metodologia de ensino.

Fundamentado nestes assuntos, o trabalho em questão está dividido em três capítulos. O primeiro é a fundamentação teórica, a qual está organizada em subtópicos como: o ensino da língua inglesa sob a perspectiva da lingüística aplicada. Em seguida aborda-se a questão das quatro habilidades (ler, escrever, falar e ouvir) e como estas são desenvolvidas nas aulas. Logo após, trata a questão do perfil do professor onde busca analisar quem são os professores da escola pesquisada, e depois a metodologia de ensino, que procura averiguar que metodologia é aplicada por cada professor e por fim aborda o livro didático, ferramenta esta que se inseriu nas escolas públicas a partir de 2012.

No segundo capítulo encontra-se a metodologia do trabalho, em que se fez uso de questionários com alunos e professores de uma escola pública do ensino médio.

Dessa maneira, o estudo em questão se baseou em teóricos e, por conseguinte houve uma pesquisa de campo para comprovar/comparar as hipóteses levantadas onde foi indagado sobre a condição do ensino e o que se pode fazer para alcançar possíveis melhorias, contrapondo visões de professores e alunos sobre o ensino da língua inglesa atual.

O terceiro e último capítulo compõe os resultados e análise e discussão dos resultados, onde foi apresentado as respostas dos questionários dos participantes e em seguida fez-se a análise das mesmas junto com as visões dos teóricos. E por último encontra-se a conclusão da pesquisa na qual se apresentam as considerações finais e conclusões aos questionamentos da pesquisa, indagações estas que apresentaram algumas mudanças no cenário escolar.

2 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA

O ensino de línguas estrangeiras na escola pública tem gerado várias discussões sobre o desenvolver, as dificuldades e avanços nesta área. A partir desses questionamentos, procura-se como base da teoria lançar olhares para a visão da Linguística Aplicada, como tal aborda o ensino de línguas estrangeiras. Quanto ao ensino de língua estrangeira, passa-se a abordar a questão das quatro habilidades que se pressupõe que são ensinadas em sala de aula. Outra questão de importância nesse ensino é o perfil do professor que leciona a língua inglesa na escola pública. Também cabe analisar a metodologia que estes docentes empregam em suas aulas. Partindo destes pressupostos, fica plausível argumentar sobre a mais nova ferramenta de ensino de línguas, que é o livro didático.

2.1 O ensino de língua estrangeira e a Linguística aplicada (LA)

A Linguística Aplicada (LA) é uma área que busca analisar a língua e os problemas que possam ocorrer no momento da utilização da língua. Segundo Lopes (1996 : 22-23 *apud* Barboza, 2009):

a LA é entendida aqui como uma área de investigação aplicada, mediadora, interdisciplinar, centrada na resolução de problemas de uso da linguagem, que tem foco na linguagem de natureza processual, que colabora com o avanço do conhecimento teórico, e que utiliza métodos de investigação de natureza positivista e interpretativista.

Os linguistas fizeram bastante discussões a respeito da Linguística teórica dita e a LA. Nessa linha de pensamento Barbosa (2009) afirma que:

Ao definirmos a LA, também é importante ressaltar a relação entre a Linguística propriamente dita e a LA que tem sido ponto de grandes discussões por parte dos linguistas aplicados, visto que, os pesquisadores da área defendem a existência destas disciplinas em contextos bastante distintos.

Algumas pesquisas apontam a discussão da LA sobre os professores e línguas estrangeiras e reflexões sobre este ensino nas escolas públicas. É sabido que existem muitos problemas nas escolas em relação ao ensino de língua estrangeira, tanto por parte dos alunos quanto do professor. A respeito disso, Barboza (2009) afirma:

Podemos perceber que os objetivos quando nos referimos à aprendizagem de uma língua estrangeira por parte dos alunos são os mais variados e a atitude de adoração normalmente não se apresenta com tanta freqüência. Afetivamente, os alunos reagem à aprendizagem da língua estrangeira de formas diferentes e muitas vezes com medo e receio.

A Linguística Aplicada pesquisa sobre esses problemas encontrados na língua e propõe estratégias de melhoramento no ensino/aprendizagem da língua estrangeira. Assim, Soares (2008) afirma:

No âmbito da formação do docente, a Linguística Aplicada pretende contribuir para que haja o entendimento de que a linguagem é socialmente construída, o que acarreta desenvolver no professor uma conscientização política com relação aos problemas inerentes a linguagem e sua vinculação com o contexto social. É também necessário levar o docente em formação a perceber que a interação em sala de aula é rica e que esta pode prover dados que irão auxiliá-lo a compreender melhor a sua prática e o seu aluno, buscando formas de melhorar as condições de aprendizagem. Daí ser preciso o professor aprender a produzir materiais para contextos específicos que atendam às necessidades de seus alunos, bem como avaliar os programas educacionais e os materiais utilizados.

Portanto, a LA é um estudo que ajuda o docente a avaliar sua prática de ensino e ela também faz com que os professores pensem em estratégias de ensino. Para a Linguística Aplicada, quando se fala em ensino de línguas, a primeira coisa a se pensar é no objetivo desse ensino para que possa decidir qual técnica é mais adequada a ser aplicada. Segundo ela, deve-se olhar também quem recebe este ensino para poder determinar o grau de profundidade. Dessa maneira, “o treinamento das aptidões básicas de comunicação (ler, escrever, falar e ouvir) só pode levar ao ajustamento global do aluno.” (Borba, 2008, pg.86)

2.2 As quatro habilidades

Quando se fala em ensino do inglês nas escolas públicas, logo se percebe que os comentários não são positivos, pois se sabe que há um déficit neste ensino, o qual precede a realidade escolar de anos atrás. A partir dessa linha de pensamento, Schmitz (2009, p.14) aborda a questão do ensino do inglês na escola pública e a realidade precária da mesma. Ele discute que um dos problemas encontrados é a questão da carga horária, a qual é pequena, e não permite desenvolver amplamente as quatro habilidades. Outra dificuldade é a de que nas salas de aulas geralmente há um grande número de alunos que dificulta o trabalho do professor em realizar, por exemplo, atividades com diálogos. Entretanto ele argumenta que mesmo assim as quatro habilidades devem ser apresentadas sempre em conjunto. Porém, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), (BRASIL, 2005):

Considerando-se a carga horária disponibilizada para o estudo da língua estrangeira e a estrutura da unidade escolar para o desenvolvimento eficaz das quatro habilidades necessárias ao domínio de uma língua estrangeira, observa-se a necessidade de priorizar a habilidade da leitura.

A desvalorização da língua inglesa hoje não está presente apenas nos problemas citados acima, mas em tantos outros problemas como salienta Siqueira (2011, p.97):

“hoje tão arraigado no imaginário coletivo de pais e estudantes de todas as classes sociais (“ não sabe inglês quanto mais português”; “inglês é coisa para uma elite”; só se aprende inglês em cursos livres” etc), mas principalmente no fato de destiná-la a professores leigos para cumprir sua carga horária.

Assim, com todas as essas dificuldades encontradas nas escolas públicas, Oliveira (2009) acredita que é devido a essas dificuldades que Os PCNs sugerem que as aulas de língua estrangeira sejam focadas apenas na leitura e ele chega a pensar nesta sugestão como uma solução sensata já que se tem de ensinar uma língua estrangeira na escola.

A partir de todas essas discussões e olhares de autores sobre a visão e ensino da língua inglesa, Paiva (2009, p.32) profere que é contra o foco exclusivo na

leitura ou no ensino meramente gramatical, ou na tradução, por dois argumentos: primeiro porque, segundo ela, o professor deve levar em conta o desejo do aluno e segundo porque a língua deve ser ensinada em toda a sua complexidade comunicativa, sem restringir seu estudo a uma tecnologia (leitura) ou a aspectos apenas formais (gramática). Como ressalta Folse *apud* Pechi (2014):

Durante muito tempo, a ênfase do ensino tem sido erroneamente a gramática. Na verdade, para grande desgosto dos professores de Língua Estrangeira, os alunos podem se expressar se tiverem uma gramática pobre, e eles fazem isso com bastante freqüência. No entanto, a comunicação é fortemente limitada.

A partir dessa linha de argumentos, o professor precisa buscar amenizar os problemas encontrados pensando em seus alunos, seu público alvo. O ensino de uma língua não só se baseia em apenas uma habilidade, até porque o falante necessita das quatro capacidades para se comunicar na sociedade. A partir da análise do contexto dos alunos, o professor pode pensar que medidas serão tomadas primeiro para este ensino e fazer a integração das quatro habilidades.

2.3 Perfil do professor

Outra questão que faz com que esse ensino seja de baixa qualidade é quanto ao perfil do professor, que muitas vezes não é formado na área e, nem tem fluência na língua. Para este ponto, Oliveira (2009, p.29) argumenta que considera a falta de fluência como problema mais sério, pois, segundo ele, um professor de língua estrangeira que não fala a língua não pode ajudar seus alunos a desenvolverem a fala mesmo que a sala tenha poucos alunos e todos com o mesmo nível de proficiência.

Siqueira (2011, p.97) diz que a desvalorização da língua inglesa acontece principalmente por destinar professores leigos para lecionar a disciplina a fim de cumprir carga horária, o que causa um desconforto para os alunos e para o professor que não consegue cumprir sua tarefa. Neste artigo sobre o “ensino do inglês na escola pública”, o autor relata que um jovem professor, em sua época de aluno, acreditava que a cada aula que passava haveria uma melhoria na

aprendizagem, entretanto chega um momento em que ele descobre que o professor não ensinava inglês porque não queria, mas sim porque não sabia, assim, ele apelida esse tipo de docente de “professor postiço”.

É sabido que nas escolas o ensino de uma língua estrangeira é obrigatório e diante de todos os problemas encontrados, principalmente em escolas públicas, há uma dificuldade de encontrar professor formado na área, assim o que cabe como ultima alternativa da direção é contratar professor apenas para preencher a vaga e a turma não ficar sem aula. No tocante a isso Siqueira (2011, p.98) afirma o seguinte:

A LE está na grade, é obrigatória, e *alguém* precisa assumi-la. Na falta de professores qualificados, parte-se então para o improviso e assume-se levar em frente uma estratégia, que de antemão, sabe-se, provará equivocada.

O que acontece em algumas escolas públicas é este problema de colocarem professores para “taparem buraco”. Isso já se tornou costume na educação básica diante da realidade que “pode ser ilustrada pelo adágio popular “se correr o bicho pega se ficar o bicho come”, ou como se diz em inglês, uma *catch-22 situation* (Siqueira, 2011, p. 98). Desse modo, a disciplina, que é obrigatória e está no currículo, não pode ficar vaga, é preenchida por um professor que não se classifica para ensiná-la. Os alunos, que muitas vezes não se importam, também levam com a “barriga” apenas para ter nota no histórico. Daí o professor finge que ensina e os alunos fingem que aprendem. No tocante a isto, Cruz & Lima (2011, p.190), declaram:

Quando nos questionamos sobre onde se esconde a ‘causa daninha’ desse fenômeno, podemos lançar mão da resposta de que certamente não se esconde em um motivo único, mas em uma soma de fatores. Mas a não formação do professor para lidar com a LE – agravada pela banalização da disciplina que regula a prática da complementação de carga horária com “umas aulinhas de inglês” – é uma das causas mais graves.

Em se tratando dos problemas relacionados ao ensino/aprendizagem da língua inglesa podemos relatar diversos fatores, como desprestígio da disciplina, escassez de materiais, entre outros, que contribuem para que o ensino dê errado.

2.4 Metodologia de ensino

Mantendo o foco na metodologia de ensino na sala de aula, o professor de inglês tende a diversificar, procurando inovar em suas aulas, adotando ferramentas novas tornando-as assim agradáveis. Dentro desta perspectiva do uso das tecnologias, os PCNs indicam várias orientações a serem realizadas em sala de aula, tais como atividades com livros, filmes e músicas, mas mantendo sempre o foco na escrita. Dessa forma, exemplifica Pechi (2014):

[...] a professora Karoline Ferreira investe em atividades permanentes com foco em vocabulário. Ela usa *games* que criou (como dominó e jogos de memória) e que reúne alguns grupos de palavras (animais, cores e alimentos, por exemplo). [...] a educadora também elaborou jogos de percurso, nos quais só é possível avançar nas casas ao acertar como se diz determinado termo em inglês.

Ainda sobre esse da metodologia a ser utilizada, tem-se a questão de que há aqueles alunos que não estão interessados em aprender outra língua e a veem com desprezo, muitas vezes acham o inglês como uma disciplina difícil e de pouca importância para o estudo, outros, em alguns casos, ainda não foram despertados para o interesse de estudar a disciplina. Aí entra o papel do professor que deve olhar e verificar a metodologia que está sendo aplicada em sala. Perin (2003) traz a reflexão de que a falta de interesse dos alunos, os quais não dão importância à disciplina, tratando-a com indiferença, causa o estresse do professor, mais indisciplina e obviamente frustração no final do processo.

Nos dias atuais, vemos como a tecnologia, como a internet, tem avançado no mundo e que hoje é possível encontrá-la nos lugares onde não tinham condições de obterem tal benefício que faz parte, até mesmo, da cultura da sociedade. Tal avanço traz um grande melhoramento para o professor pensar em como utilizar desse feito em suas aulas diversas, fazendo com que os alunos possam se interessar pela disciplina, já que eles estão inseridos neste mundo tecnológico. Paiva (2009, p.32) assinala que:

A melhor metodologia é aquela que atende ao desejo da maioria dos alunos, digo maioria porque temos que admitir que temos alunos que não querem aprender outra língua. Se conseguirmos atender a maioria

de nossos alunos, poderemos até conseguir cativar os mais resistentes.

Na sociedade contemporânea há os diversos meios que contribuem para uma pessoa aprender outra língua. “A internet é outro fator que ampliou a presença e, conseqüentemente, a importância da língua inglesa nas duas últimas décadas” (Vilaça, 2010). Tal fator pode ser considerado e empregado pelos professores em sua metodologia como meio de estímulo para ao aluno.

Não se pode deixar de ressaltar que as metodologias chamadas tradicionais, tais como ensinar somente gramática e focar na leitura, existem, e não nos desligamos delas totalmente. Em aulas sempre estaremos ligadas a esses métodos. Porém, esses modelos ocorrem e com novos meios de comunicações deve-se atualizar para novas maneiras de ensinar, até porque na contemporaneidade, recheada de novidades e com a facilidade existente, hoje se encontra melhorias para o ensino.

2.5 Livro Didático

O livro é um suporte ao professor na sala de aula. Os PCNs colocam que o livro didático deve ser tomado pelo professor como um meio de enriquecimento da prática pedagógica e que o livro pode ser ainda um ponto de partida com vista à exploração de qualquer tema.

Nas escolas públicas, o uso de livros didáticos vem se modificando. “A partir de 2011, os alunos da escola pública do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de todo o país passam a receber, sem nunca ter de devolvê-los, livros e CDs de áudio”(Santos Jorge & Tenuta, 2011, p.124). O LD tem sido inserido nas escolas públicas como uma ferramenta para os professores em suas aulas e como suporte aos alunos. No entanto, cabe analisar o nível de conteúdos e linguagem desse material. De tal modo, cabe uma ressalva à disponibilidade do material, que até então não estava disponível nesse contexto de ensino da escola pública.

O livro didático pode ser considerado como uma ferramenta no ensino do inglês, entretanto, como discute Torato (2010) em sua tese, alguns livros são de autores americanos, os quais não elaboram o livro para um público específico, o que dificulta

a aprendizagem do aluno que estuda a língua inglesa, principalmente de escolas públicas. Partindo deste pensamento, ela traz a questão da elaboração do livro, que nas unidades temáticas se apresentam de forma semelhante na maioria dos livros de sua pesquisa, com as mesmas seções de exercícios similares condicionando o aluno àquela estrutura didática.

Há poucos anos algumas escolas, como a deste estudo, não dispunham de livro didático de inglês, entretanto hoje em dia a escola já se encontra com o material e essa realidade já vem mudando. Acerca deste recurso, do uso do LD em sala de aula, Silva & Rocha (2012) argumentam:

É leitura obrigatória para os alunos, professores, formadores e pesquisadores no campo aplicado, que fortemente acreditem que o livro didático pode apresentar-se como um potente mediador na construção de conhecimento e capacidades na sala de aula de língua estrangeira, em variados segmentos, portanto, como um elemento propulsor de um ensino voltado para a cidadania ativa na atualidade.

Numa tentativa de melhorar o ensino da língua inglesa, “o livro didático é importante, pois, muitas vezes, define o conteúdo do ano letivo, o planejamento das aulas, as propostas de avaliação, métodos e técnicas de ensino a serem utilizadas pelo professor” (Santos Jorge & Tenuta, 2011p.124). De tal modo, empregar o LD torna-se indispensável, pois ele pode determinar o caminho para o professor seguir.

Do mesmo modo que o LD pode determinar os conteúdos a serem trabalhados em sala ajudando a resolver o problema da escola com atividades, ele pode se tornar um problema e não uma solução, pois tal prática pode fazer com que o professor não esteja atento as necessidades da turma (nem ao nível), visto que ele tem que cumprir os conteúdos do LD.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do ensino médio localizada no Recôncavo Baiano, na zona urbana, que contém, em média, 520 (quinhentos e vinte) alunos no turno matutino. A escola conta com biblioteca, sala de informática, cantina, salas de aula, sala dos professores, secretaria, auditório, sala da diretoria e da vice.

Enquanto ex-aluna do ensino médio, assinalo como experiência escolar vivida todo tempo em escola pública, a dificuldade de aprendizado de uma segunda língua e ao mesmo tempo a desmotivação por parte dos alunos que determina a disciplina de língua inglesa como sem importância. Parte do corpo docente da escola, o qual passou pela minha vida escolar, ainda permanece até os dias de hoje atuando na escola.

Para o tema em discussão, realizaram-se pesquisas qualitativas para melhor desdobramento da temática. Essas foram feitas a partir de revisão teórica, colocando, em paralelo, argumentos de autores com questionamentos da autora do projeto. Assim a pesquisa tem um cunho qualitativo, pois leva em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Demo (2008) define metodologia qualitativa como:

[...] pesquisa participante, pesquisa-ação, histórica oral, observação de cariz etnometodológico, hermenêutica, fenomenologia, levantamentos feitos com questionários abertos ou diretamente gravados, análises de grupo, que, como vemos, abrigam horizontes bastante heterogêneos.

De início, aconteceu a escolha do tema a ser estudado. Após já ter em mãos o tema e a justificativa começou a realização de questionamentos sobre o tema e a definição dos objetivos a serem alcançados. Posteriormente fez-se uma prévia da revisão bibliográfica de autores que discutem o ensino de língua inglesa, que em seguida se aprofundou mais.

Depois de fazer a leitura de alguns livros e textos que discursa sobre o ensino da língua e elaborar resenhas do assunto, iniciou-se a construção dos questionários que foram aplicados na escola. Já com este material em mãos, construiu-se os termos de consentimento que foi assinado pelo orientador e pela pesquisadora. Foram elaborados um termo de consentimento para os professores, com duas

cópias, uma para a participante e outra para a pesquisadora e um termo de autorização para a escola. . Ficou claro para os participantes que nenhuma informação pessoal será revelada e que os resultados não identificarão nem prejudicarão nenhum dos informantes.

Em um dia na semana fez-se o contato com a escola na qual a diretora assinou a autorização para a realização da pesquisa e em seguida mostrou as professora da disciplina. Logo em seguida, houve o contato com as professoras e a solicitação do preenchimento do termo de consentimento e do questionário. Ficaram com as participantes o questionário e o termo, os quais foram entregues na semana seguinte.

Em se tratando do questionário dos alunos, este foi realizado na semana, seguinte durante o intervalo no turno matutino. A docente foi até a sala e convidou os alunos a entrarem e responderem o questionário, sobre o qual já haviam sido avisados.

A aplicação do questionário com os alunos da outra professora, ocorreu em outra aula por esta já ter fechado a unidade e não estava mais dando aula. Uma professora conhecida disponibilizou um pequeno tempo para a aplicação.

Após esta etapa, ocorreu a pesquisa de campo, em que se realizou a coleta de dados a partir de questionário com os professores de Língua Inglesa. Em seguida houve a coleta de informações através de questionário com os alunos.

Para o questionário dos professores, utilizaram-se seis (6) questões abertas, (Anexo1) subjetivas, para eles descreverem seus pontos de vistas. O questionário foi levado para casa pelo participante e devolvido na semana seguinte ao pesquisador. Para os alunos, empregou-se também questionário com dez (10) questões (Anexo 2) para coletar as informações, porém as perguntas foram de cunho objetivo e múltipla escolha e resposta curta aberta para justificar o “sim” ou “não”. Os candidatos apenas marcariam as opções correspondentes a sua resposta.

A pesquisa em questão foi realizada com quarenta (40) alunos do ensino médio, sendo uma parte do primeiro (1º) ano e outra do segundo (2º) e com duas professoras de inglês da escola, as únicas. A escolha dos alunos do primeiro ano para participar da pesquisa foi pelo motivo o qual se desejava analisar as opiniões dos alunos os quais as participantes ensinavam e uma delas apenas lecionava no primeiro ano.

Em se tratando da escolha dos alunos do segundo ano, pode-se relatar o mesmo objetivo em que a segunda participante os ensinava para que assim analisassem as opiniões dos seus respectivos alunos sobre o ensino da Língua Inglesa.

O questionário para os alunos foi elaborado com questões de múltiplas escolhas adaptado à linguagem dos alunos para não haver resistência nem dificuldade para responder. Para os professores envolvidos, elaboraram-se questões abertas.

Em relação ao questionário dos professores, as perguntas se baseavam em sua formação e metodologias de ensino. No que diz respeito ao questionário dos alunos, a primeira questão foi pessoal pois foi sobre gostar ou não da disciplina de Língua Inglesa, e as demais questões foram sobre a opinião deles com respeito à disciplina e também acerca das aulas ministradas pela professora

Com os questionários em mãos respondidos, prosseguiu-se à análise de questão por questão observando os pontos comuns e divergentes ou bastante distintos.

Para a seleção dos conjuntos de respostas que foram encontradas levou-se em consideração itens como a metodologia utilizada em sala, à avaliação como nota parcial para os alunos, a utilização do livro didático, bem como o interesse dos alunos em relação às atividades a serem desenvolvidas nas aulas. A partir dessa observação, buscou-se contrapor, também, com as respostas das professoras participantes. As respostas que apresentavam a divergência e requeriam uma maior avaliação, foram inseridas na análise e contestação dos resultados.

Tais dados foram também coletados por meio da observação do contexto escolar, em que foram anotadas questões relevantes referentes à disciplina e também levantou-se um questionário para analisar as opiniões dos alunos sobre a disciplina. Os resultados que foram recolhidos foram avaliados neste projeto através do diálogo com autores que argumentam sobre o assunto, apontando pontos em que se assemelham e se divergem. A partir dos resultados encontrados realizou-se a discussão e conclusão dos resultados obtidos, discutidos no próximo capítulo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS OBTIDOS

Nos dias atuais a língua inglesa tem se destacado no cenário mundial. Em se tratando do ensino de línguas estrangeiras deve-se pensar nos objetivos do ensino desta língua. Contudo, quando se fala no ensino de Língua Inglesa nas escolas, principalmente as públicas, há uma série de questões envolvidas.

Para a Linguística Aplicada é preciso reconhecer que a língua falada é mais constante e deve ter prioridade, porém faz-se necessário conhecer as estruturas fonológicas e reconhecer que a língua é uma entidade dinâmica e muda com o decorrer do tempo.

A partir do olhar dos autores que discutem sobre o ensino da língua inglesa na escola pública fazendo uma análise na expansão da língua inglesa na atualidade, procurou-se observar as respostas dos alunos e das professoras comparando e debatendo os resultados.

Em relação ao questionário dos professores, a primeira pergunta buscou-se, informação mais pessoal quanto a formação acadêmica, e para os alunos procurou saber sobre o gosto em relação à língua inglesa. A participante 1 (P1) relatou que é formada na área porém a universidade não a preparou para atuar em sala de aula. Já a participante 2 (P2) declara que não é formada na área, no entanto possui curso de inglês e por isso atua como professora de inglês.

Este é o ponto em que Oliveira (2009) considera como mais sério o de ter professores que são formados na área, porém não tem fluência na língua. Sendo assim, não pode desenvolver a habilidade da fala. Uma professora, apesar de formada na área, relata que não se acha preparada para ensinar a língua inglesa e a outra não é formada na área, mas tem um curso de inglês e por isso a escola selecionou-a para ensinar a língua inglesa.

Em se tratando do ensino em sala de aula, P1 responde que ensina a gramática contextualizada a contextos práticos. Sobre o ensino Língua Inglesa, P2 diz que trabalha a gramática a partir de um texto motivador, contextualizando sempre e fazendo interpretação.

A partir do momento em que se fala do modo em que se ensina a língua inglesa, as respostas são curtas: a gramática. Este aspecto é o que ressalta Folse de que durante muito tempo o ensino é erroneamente focado na gramática e podemos

perceber que na escola estudada ainda é. Não que devemos deixar de estudá-la, mas devemos olhar para outros pontos que devem ser estudados. Por exemplo, pode-se usar um texto para observar a cultura local, pois estudar uma língua não é apenas a gramática, mas também os costumes do país que fazem parte do estudo da língua.

Em se tratando das quatro habilidades a serem ensinadas/estudadas nas aulas de inglês (falar, ouvir, escrever e ler), P1 menciona que deve ser trabalhadas em conjunto, todavia, justifica que os alunos não gostarem da disciplina, só resta ler e escrever. Como avaliação dos alunos, ela descreve como resistentes á disciplina.

No tocante as quatro habilidades trabalhadas em sala P2, alega que estas são importantes, entretanto, os alunos resistem a falar. Fazendo uma avaliação dos alunos, relata como resistentes as aulas de Língua Inglesa.

Quando se perguntou sobre as quatro habilidades aos alunos da participante 1 (AP1), eles responderam que a professora utiliza ler, escrever e falar. A cerca disso, alguns alunos da participante 2 (AP2) informaram que há o ensino das quatro habilidades e outros relataram que as habilidades que são ensinadas são escrever e falar.

A partir do momento em que se fala das quatro habilidades a serem estudadas em sala no ensino de uma língua estrangeira, nas respostas dos participantes da pesquisa, olhando para P1 e P2, nota-se que elas têm consciência de que devem ser trabalhadas em conjunto, entretanto não fazem e utiliza como argumento que os alunos resistem e que não se interessa pelas atividades. Para este ponto, Perin (2003) argumenta que essa falta de interesse por parte dos alunos causa o estresse do professor. Mas no momento que se analisa as falas dos alunos é perceptível que há maneiras de se trabalhar com a fala, a escrita, a escuta e a leitura. Já que os alunos relataram que desejam executar atividades que contempla essas habilidades, ou seja, de certa forma pode-se haver um rejeitamento de alguns, porém de outros não e ai é que irá funcionar o método.

Os PCNs relatam que o ensino de língua estrangeira deve focar na leitura por conta da carga horária e de salas cheias, mas há outros autores que argumentam que são contra esta declaração, como Paiva (2009) que explica que é contra o foco na leitura porque deve-se levar em conta o desejo do aluno e porque a língua deve ser ensinada em toda a sua complexidade. Deve-se estudar este conjunto da língua,

mesmo com todos os problemas que se encontra nas escolas públicas, se for aplicados um pouco de cada coisa, primeiro reconhecendo o seu público alvo, dinamizando as aulas, conseguir-se-á bons resultados no final.

Com o intuito de um ensino qualificado e sem que haja uma desvalorização nas instituições de educação básica espera que exista professores qualificados, formados na área, principalmente, quando se fala de ensino de outra língua que não seja a materna.

Ao passo que se discursa a respeito deste ensino nas escolas públicas pensa-se sobre a formação dos educadores desta área, em razão de que é obrigatório nas escolas ensinar uma segunda língua. A P1, ainda que seja formada na área assume que não tem preparação para atuar. A P2 mesmo que não tenha formação em Inglês, mas tem um curso de línguas na Língua Inglesa.

Nos tempos atuais, o que é notável na escola pesquisada é que o cenário da educação tem se modificado, porque em anos de estudos atrás encontra-se mais de três professores de Língua Inglesa mesmo que estes não tivesse formação na área , todavia na contemporaneidade a mesma dispõe de duas professoras que pelo menos tem formação e outra um conhecimento ficando assim toda a escola a cargo das duas para ser ensinada. Com habilitação em Língua Portuguesa, estas nem podem exercê-la esta língua porque a demanda da segunda língua é grande por apenas ter as duas na casa para o Inglês.

Uma questão que cabem mencionar e analisar é quanto á metodologia que se ensina. Cada professor tem a sua e nenhum é igual a outro, portanto à medida que se fala de outra língua nas escolas, sabe e espera as opiniões dos alunos com um toque de rejeição. Uma vez que uma diferente língua é inserida no ensino, neste caso o inglês, os alunos a vêem como chata se levarmos para as metodologias tradicionais como era na minha época de escola que o professor escrevia no quadro e os alunos copiavam. E como avaliação utilizava prova escrita apenas com gramática, assunto que era estudado. Não havia lugar para serem desenvolvidas habilidades como fala, escuta através de diálogos.

E quando se pergunta quanto às atividades realizadas em sala a maioria dos AP1 cita que faz do livro didático. Outro tanto marcaram que copiam do quadro e um pequeno número relatou a realização de diálogos para treinar conversação. No

tocante aos recursos utilizados pela professora eles declararam que utiliza o LD, atividades impressas e exercícios no quadro.

Com referência a esta mesma pergunta os AP2 relataram que copiam do quadro o que a professora escreve. Outros citaram a utilização de diálogos para treinar conversação. Quanto aos recursos utilizados foram descritos: datashow e exercícios no quadro.

Partindo destas declarações é perceptível que não há inovação e dinâmica nas aulas. O modelo segue o mesmo de anos anteriores. Utilizando este método fica difícil ter aulas que agradem os alunos. Como ressalta Paiva (2009) que a melhor metodologia é a que atende ao desejo da maioria, assim conquistando a maior parte dos alunos pode-se mais a frente conseguir cativar os mais resistentes.

O professor somente saberá o que funcionará se testar. Assim sendo, depois de conhecer a turma pode fazer o diagnóstico observa o que pode dar certo. Nos resultados obtidos ainda há a forma tradicional do ensino, com o professor copiando no quadro e atividades xerocadas. Há um pouco do uso da tecnologia, pela P2, através da utilização do datashow, porém é pouco. Como relatado pelos alunos o desejo de trabalhar com música, fica visível que não foi reconhecido o público alvo.

Na sociedade atual, as pessoas, principalmente jovens, estão envolvidas com o mundo da tecnologia, algo que não pode ser negado e que traz benefícios e malefícios, portanto para as aulas de Língua Inglesa, pode-se apropriar desses bens e fazer uso para ajuda na aprendizagem. Como exemplifica Vilaça (2010) que a internet é um dos fatores que ampliou a proximidade da língua inglesa e que hoje é fácil encontrar uma vasta gama de textos e possibilita comunicação oral.

Mesmo que declaram que a escola disponibiliza de poucos materiais, mas algumas vezes da para fazer atividades utilizando as poucas ferramentas que se tenha em mãos. A utilização de música em aulas de Inglês torna-as mais dinâmicas e está mais próximo do cotidiano dos alunos. Os PCNs indicam a utilização de músicas, pois esta favorece a percepção do dinamismo linguístico e pode ser explorados conteúdos e vocabulários.

Acredita-se que vão se entrosar mais por ser melódicas, desta forma já estará trabalhando com uma das quatro habilidades no momento em que for solicitado que os alunos cantem, por exemplo, e ao mesmo tempo analisando questões gramaticais. Então, o uso da tecnologia torna-se indispensável no

ensino/aprendizagem da língua. Se a escola tem pouco, deve-se adaptar a isso, entretanto não deixar de usar.

Também como exemplifica Pechi (2014) sobre games e jogos, pode haver competições entre alunos. A criação de um vocabulário ilustrado também ajuda na fixação do assunto e pode ser interessante. Ao passo em que se coloca a diversão no ensino, o aprendizado se torna divertido e pode melhor fixar o conhecimento.

Fazendo uma comparação entre as respostas das duas participantes, pode-se perceber que as respostas foram muito parecidas. As respostas foram iguais, porém com algumas frases ou palavras diferentes, mas com o mesmo sentido.

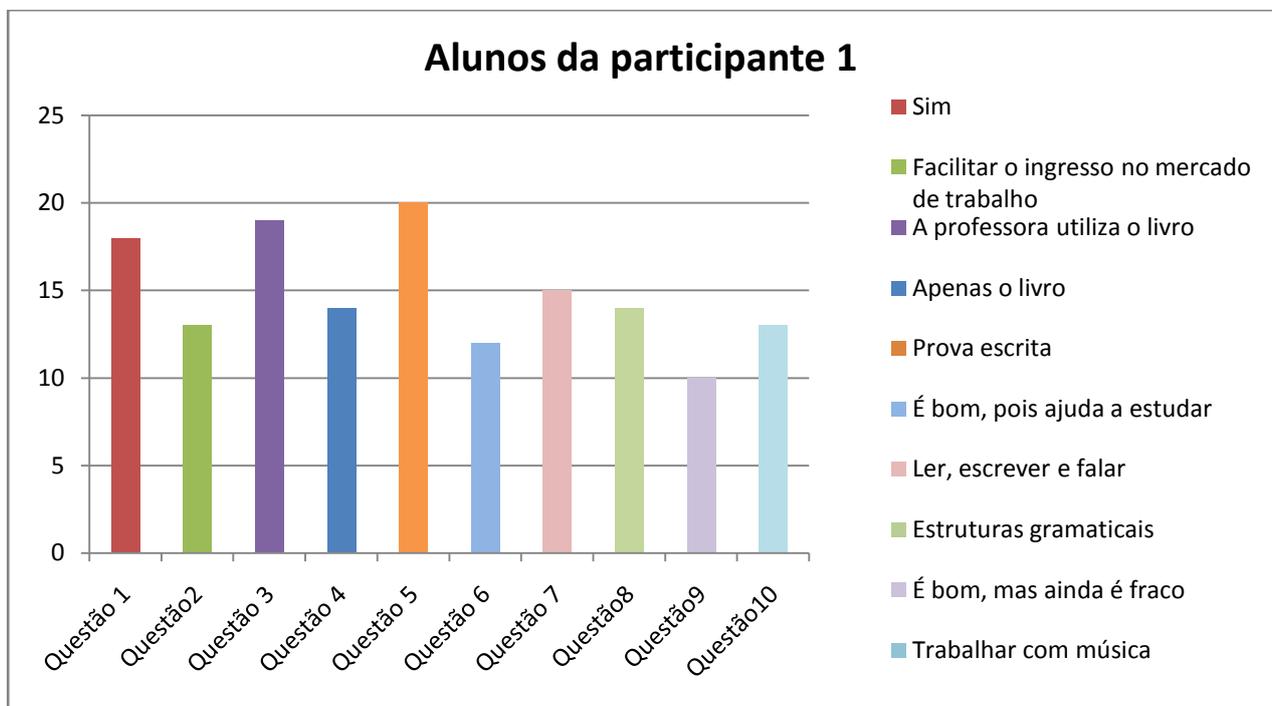


Figura 1: Alunos da participante 1 (AP1)

Na figura 1, podem-se observar as respostas que mais apareceram no questionário. Os dados postos no gráfico deixam claro a semelhanças entre as respostas do aluno. Segundo a opinião da maioria, o ensino de língua Inglesa na escola estudada é fundamentado nestas respostas.

Com referência aos alunos da participante 1 (AP1) (figura 1), que são do 2º ano do ensino médio, na primeira pergunta, a maioria gosta de Inglês e ainda um participante relatou que quer fazer Letras por conta do Inglês porém dois disseram

não gostar por não achar interessante e por ser difícil de aprender a língua. Em relação à finalidade do ensino da língua inglesa, para alguns AP1 serve para comunicar e facilitar o ingresso no mercado de trabalho. Para outros serve para ensinar a ler e escrever e também ajudar nas novas tecnologias e proporcionar entretenimento. E para serem avaliados, ou seja, como nota da unidade, é feito exercícios do livro, prova escrita e seminários.

A questão sobre os assuntos já estudados até aquele momento variou um pouco nas respostas dos AP1, mas o que mais ocorreu foi a opção de estruturas gramaticais (Simple present, Simple Past,) e vocabulários básicos do dia-a-dia, temas diversos (cores, dias da semana, animais) e apareceu também uma frequência na opção “pequenos diálogos”.

Sobre o ensino de Língua Inglesa nas escolas houve algumas respostas dos AP1 que relatou apenas de ser importante para a vida social, entretanto para outros é bom, mas ainda é fraco. Houve também uns que se contradisseram respondendo que é bom, mas é fraco e ao mesmo tempo disse que é ótimo e aprende-se muito. Em se tratando das atividades que queriam que fosse desenvolvida em sala a resposta do geral foi de trabalhar com música e fazer diálogos em sala. Alguns citaram que, além disso, gostariam de assistir a vídeos e documentários.

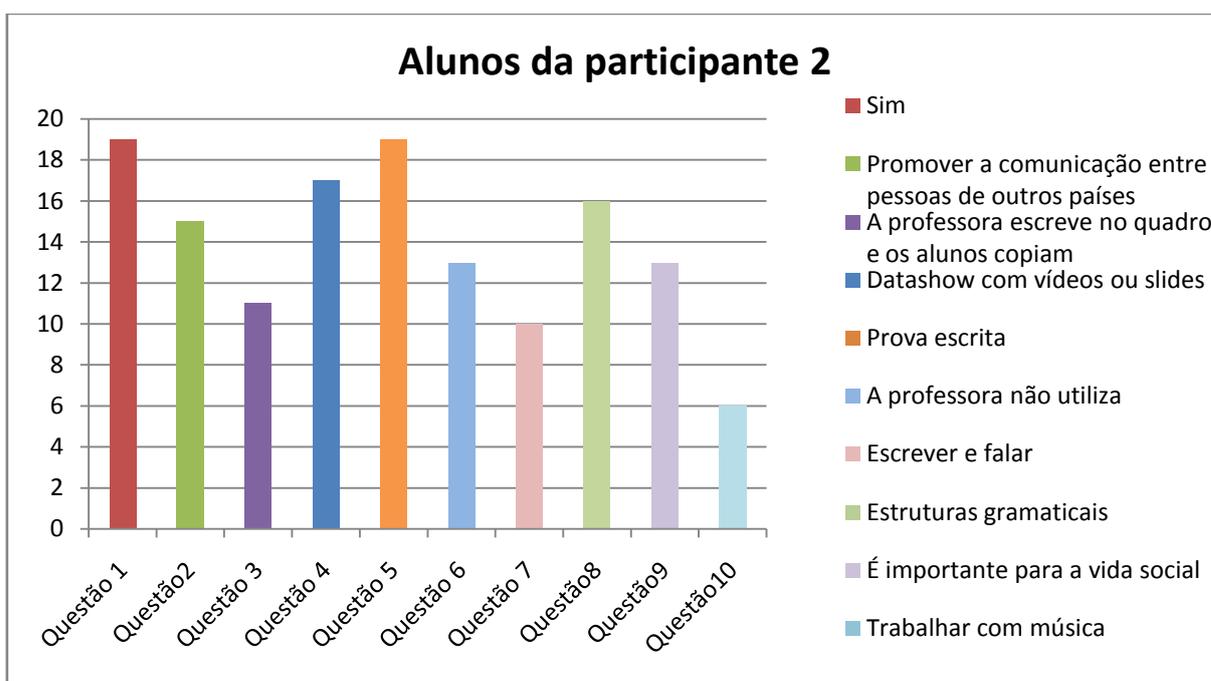


Figura 2: Alunos da participante 2 (AP2)

A respeito dos alunos da participante 2 (AP2), que são do 1º ano do ensino médio, (figura 2) para a primeira pergunta a maior parte escreveram que gosta da disciplina de Inglês por ser fácil e simples. Todavia um relatou que não gosta porque não sabe falar. No momento em que se pergunta para que serve o Inglês, as respostas indicam servir para promover a comunicação entre pessoas de outros países e para facilitar o ingresso no mercado de trabalho, contudo alguns ainda marcaram que, além disso, serve para auxiliar no uso de novas tecnologias.

Relativamente às atividades realizadas como nota parcial das unidades AP1, narram apenas prova escrita. E quando se pergunta pelo material didático, ou seja, o LD, eles contaram que a professora não utiliza, entretanto todos receberam o livro e alguns disseram que é de difícil entendimento.

À medida que se questiona em relação aos assuntos que eles já estudaram até o momento, eles contaram que foram estruturas gramaticais e vocabulários básicos do dia-a-dia.

No tocante a opinião dos AP1 sobre o ensino da Língua Inglesa nas escolas, eles alegaram que é bom, mas ainda é fraco. Outros ainda descreveram que é importante para a vida social. Além disso, houve aqueles que informaram que faltam professores qualificados. E no momento em que se pede para expressarem quais atividades desejam que sejam realizadas em sala de aula, nas respostas houve alternância entre trabalhar com música, assistir vídeos ou documentários e fazer diálogos em sala. Ainda assim, optaram por utilizar o livro didático.

Relacionando as respostas dos alunos do primeiro ano com as do segundo ano, nota-se que há semelhanças em algumas respostas, entretanto há também divergência em outras respostas, apesar de serem de professores diferentes. Entretanto nas questões mais específicas, como metodologia há uma variação nas falas dos alunos.

Observando os dados postos no gráfico 1, que são os alunos da participante 1 e os do gráfico 2, que são os da participante 2, são perceptíveis as semelhanças e diferenças. A primeira questão, apesar de ser de cunho mais pessoal, apresentou similaridade. Quando se analisa as outras perguntas que são mais específicas já se notam mais diferenças, tanto nas respostas quanto no número de itens semelhantes.

Como se trata de duas professoras diferentes espera-se encontrar desigualdade nas respostas dos AP1 comparando com as dos AP2. Embora isto exista, ainda se

nota igualdade em questões relacionadas à avaliação tida com a finalidade de obter nota para a unidade. Como também em questões relacionadas aos assuntos já estudados, que estes vêm cair também na gramática.

A partir do instante em que se examinam as ferramentas utilizadas pelas duas participantes, constata que há diferenças, pois há uso de datashow que somente uma utiliza, contudo existe a utilização do LD por parte da P1, mas a P2 não usa o LD. São, portanto metodologias diferentes, mas que não deixa de sair do tradicional como a cópia.

Sobre o ensino de língua inglesa na escola pública, as respostas dos alunos das duas participantes se distanciam. Há aqueles que o denominam como fraco, porém os outros já o classificam como importante para a vida social. A partir dessas revelações se constata que alguns alunos reconhecem os problemas enfrentados por este ensino, enquanto outros talvez, ainda não pararam para analisar o ensino do inglês na escola.

Desta forma, pela visão dos alunos e dos professores, o ensino de língua inglesa na escola pública ainda vem seguido por problemas que perduram dos anos da minha educação básica, no entanto, problemas estes que foram amenizados com o decorrer do tempo.

4.1 Livro didático: uma ferramenta de ensino

Para o ensino de Língua Inglesa, é necessário buscar todas as ferramentas possíveis com o objetivo de deixá-lo mais compreensível e dinâmico as aulas. A partir do ano de 2012 as escolas públicas passaram a receber LD a serem utilizados por três anos sem devolução.

A primeira coleção denominada Upgrade concebida, desenvolvida e produzida pela editora Richmond, inicia as seções com pequenos textos informativos e ao final um mini vocabulário para suporte ao aluno. Esta coleção é aceitável, pois no início de cada seção há um texto que prepara, de certa forma, os alunos, para a execução das atividades seguintes. Logo após há exercícios de interpretação do texto e em seguida atividade de fixação do vocabulário em uso. Mais a frente pode encontrar o assunto relacionado à gramática.

Observando o a coleção descrita acima, pode ser perceber como é constituído este material. Através da leitura do texto, fazendo uma contextualização com os alunos sobre o tema fica melhor para realizar a atividade proposta seguinte. Portanto o grau posto ai em relação ao alunos ainda é um pouco alto pois o LD é escrito todo em inglês, contendo apenas uma glossário no final para auxílio. Mesmo com a presença de pequenos vocabulários torna difícil o entendimento.

Mesmo assim o uso deste LD torna ao aluno uma dificuldade, pois o livro é construído todo em inglês o que não está próximo do nível de conhecimento dos alunos. Apesar dos alunos relatarem que é de fácil entendimento, acredito que esta resposta seja porque a utilização do mesmo seja a partir de traduções realizadas antes das atividades.

A segunda coleção do LD nomeada como High up das autoras Reinildes Dias, Leina Jucá e Rquel Faria produzido pela editora Macmillan começa as seções dizendo o que o aluno irá aprender. Depois desta informação tem-se atividades a serem respondidas. Entre exercícios e outros encontra explicações de assuntos gramaticais e no final do livro há um glossário do livro onde o aluno também poderá montar seu próprio glossário.

Nesta coleção, a unidade se inicia com figuras ilustrando o assunto a ser estudado. Logo em seguida há alguns itens que o livro traz com aprendizado ao final da unidade. Posto isso, encontra-se questionamentos a cerca das imagens colocadas. No momento em que segue para a página seguinte, localiza-se exercícios a serem respondidos. Nas páginas seguintes, também seguem com outras atividades para os alunos responderem. Este modelo de atividades para os alunos responderem segue em oito páginas sem interrupção. Depois tudo isso, aparece as páginas, duas no total, de assuntos gramaticais, seguidas de mais exercícios sobre o assunto posto. E ao fim, aparece o que, segundo o livro, o aluno o aluno já é capaz seguido de sugestões de atividades.

Independente do PNLD 2015 fazer uma resenha positiva e elogiando o livro, Hig up, trazendo como ponto fraco apenas a pouca diversidade de áudio no CD que vem incluso, ainda assim acredita que há pouca preparação para o aluno nas seções.

No momento em se pergunta as participantes sobre o LD, P1relata que em suas aulas, utiliza o livro didático como suporte primordial, e cita que como é um material

consumível utiliza para realização de atividades. Ela cita que também faz uso de vídeos, áudios e atividades xerocopiadas. Quanto aos recursos tecnológicos disponibilizados pela escola, declara que não são suficientes para a demanda.

Nas aulas que ministra P2 narra que utiliza o livro didático como suporte para elaborar slides com os assuntos, contudo aborda de outra maneira, não seguindo o que o livro pede. A respeito dos recursos tecnológicos, ela responde que em alguns momentos, o que a escola disponibiliza, não dá conta da demanda.

Quando se questiona sobre o livro didático, nas respostas dos alunos da participante 1(AP1) percebe-se que eles descrevem que é utilizado e é bom para ajudar a estudar. Já os alunos da participante 2 (AP2) relatam que o LD não é utilizado em sala mas ainda declararam que este ajuda na aprendizagem da língua inglesa.

No levantamento dos dados da pesquisa como retrata P1 que o utiliza, pois é consumível, porém a forma na qual este material é utilizado é que deve ser analisado. Em observação do contexto da escola, foi visto que os alunos da P1 estavam sentados em frente à secretaria da escola com celular e o livro de inglês nas mãos e quando perguntaram o que estavam fazendo a resposta foi de que a professora havia mandado traduzir algo do livro, como atividades e/ou exercícios para serem respondidos.

Através desta observação se entende que a aprendizagem do aluno fica escassa, porque uma tradução por si só não fixa o conhecimento do aluno. Aí verifica o nível de conhecimento do aluno e o que o livro oferece.

Em se tratando da P2, ela relata o uso apenas com base para criação de slides, mas não empregava em sala de aula. Por via disso, como há disponibilidade do governo em conceder o LD, mesmo com as dificuldades encontradas no material, cabe ao professor adaptar para consumi-lo.

A pesar das participantes da pesquisa, P1 e P2, dizerem que usam e também não usam o livro, por questões já citadas, o que pode ser constatado é que em nenhum momento relatam a opção do acompanhamento do CD que vem no livro, ferramenta esta que pode ser utilizada nas aulas. Porque se ele está disponível acredita que é para ser usado.

No momento em que estava analisando o contexto escolar da pesquisa, passei a observar se os alunos levavam consigo o LD de Inglês. Percebi que eles utilizam o

material e foi a partir daí que vi a nova coleção que se inseriu no ano de 2015, pois até o momento só conhecia a Upgrade. Entretanto algo chamou a atenção durante esta observação e foi que cada livro tem um detalhe de uma cor correspondente a cada ano do ensino médio. Por exemplo, o primeiro ano tem sua cor que é abobora, o segundo já é outra que é azul, e o terceiro também que é lilás.

Assim, foi perceptível duas cores presente na escola, que era a do segundo e terceiro ano, a terceira cor não se via, a cor abobora, que é relacionada ao LD do primeiro ano, chegando a dar curiosidade e saber o porquê da ausência. Depois de um tempo, com acesso aos livros foi que consegui saber a cor do LD do primeiro ano. E através da pesquisa descobriu-se que a professora não utilizava.

Por conseguinte compreende-se que o LD pode ser tido como suporte ao professor. Os PCNs argumentam que é um meio de enriquecimento e pode ser ponto de partida para explorar temas a serem trabalhados em sala.

Deduz-se que há pontos positivos, no entanto, alguns autores comentam que os autores dos livros, em sua maioria, são americanos e o constrói para um público específico o que dificulta a aprendizagem do aluno. Em se tratando dos livros aqui citados, eles são produzidos por editoras de origem inglesa, da Inglaterra, as quais têm sedes no Brasil. E quando se compara a primeira edição com a segunda há semelhanças nas atividades elaboradas.

É necessário salientar que a inserção do LD de Língua Inglesa como ferramenta de ensino trouxe benefícios, contudo, o grau de conhecimento dos alunos não está ao nível de produção do LD, por este se construir, em seu geral, somente em língua inglesa, o que dificulta o entendimento do aluno.

Dados todas essas informações, o ensino da Língua Inglesa ainda vem carregado de estereótipos, como uma língua de difícil aprendizagem, disciplina que é dotada de dificuldades para se fará, matéria que apenas se ensina o Verbo To Be, alunos desinteressados, não tanto pelos alunos quanto pelos professores. Houve sim um avanço em relação aos professores e aos materiais disponibilizados quanto a formação dos docentes e disponibilidades do livro didático como apoio.

Mesmo assim, para estes assuntos a metodologia é a mesma, há falta de utilização de materiais mais dinâmicos. O tempo mudou, estamos com outro modelo de juventude. São outros jovens, com tecnologias avançadas. Temos que nos atualizar também. Tentar caminhar juntos para não ficarmos para trás.

Com todo este avanço, ainda há o que melhorar no ensino de língua estrangeira. Como os alunos relatam, por exemplo, os assuntos já estudados estão voltados para o tradicional, como a gramática e temas diversos, como saudações, cores, dias da semana, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, buscou-se mostrar a realidade do ensino de Língua Inglesa em uma escola pública do ensino médio, como este ensino é feito, quem leciona e as ferramentas utilizadas.

Por meio de questionários elaborados para os professores que ensinam a disciplina e outro para os alunos das professoras de uma escola pública do ensino médio urbana, pode-se constatar como anda o ensino/aprendizagem da Língua Inglesa nos dias atuais. A partir desta análise observou-se que a realidade não foge do que os autores estudados argumentam.

A problematização destes aspectos, como a não formação de professores na área da língua inglesa, as metodologias tradicionais, o uso das quatro habilidades, foi feita a partir da fundamentação teórica na concepção de discussões sobre o ensino e aprendizagem de inglês na escola pública e se este ensino funciona com as mesmas metodologias e matérias utilizados.

Como indagação que levou a realizar a pesquisa, tem-se o questionamento da verificação do contexto escolar deste ensino. O que ficou constatado foi que esse ensino tem melhorado nos dias atuais e conta com avanço das tecnologias e novas ferramentas de ensino como o LD.

Mas ainda assim, mesmo que a escola se encontra com um profissional formado na área, este que revela não ter preparo da universidade para ensinar a língua, há outra que não é mesmo com um conhecimento em língua Inglesa.

Em se tratando de avanço nas ferramentas, nos dias atuais, com a tecnologia avançada há diversos meios para fazer um ensino dinâmico. A presença do LD desde 2012 é uma conquista, porém o mesmo não está ao nível do seu público alvo.

Tendo o vasto campo de ferramentas, pensa-se em novas metodologias para tornar o estudo da língua diversificado englobando as quatro habilidades que devem se estudada em um ensino de uma língua estrangeira, contudo a metodologia ainda permanece a mesma, caindo apenas no tradicional de escrever e os alunos copiarem. Como saída para não trabalharem as habilidades nas salas, as professora culpam a resistência dos alunos.

Isto posto, fica visível que mudanças ocorreram no ensino da escola publica do ensino médio, portanto alguns problemas, como a falta de interesse por parte dos

alunos, a metodologia que segue tradicional e professor que não tem fluência na língua, ainda permanecem mas que podem ser amenizados pela frente se os professores e os envolvidos na educação da língua estrangeira se interessarem e disponibilizarem a oferecer um ensino divertido e diversificado.

6 REFERÊNCIAS

BARBOZA, Catia Aparecida Vieira. **A linguística aplicada e o professor de língua inglesa: novas formas de pensar a prática pedagógica**. 2009. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=0CE8QFjAE&url=http%3A%2F%2Fseer.fclar.unesp.br%2Falfa%2Farticle%2Fdownload%2F3921%2F3602&ei=H-haVOWdloisyQTYq4GoBw&usg=AFQjCNGXromjoQllqilRor0pgAr8Hiykg>. Acesso: 05 out. 2014

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas: Pontes, 2008.

BRASIL. Guia de livros didáticos: PNLD 2015: língua estrangeira moderna: ensino médio. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

CRUZ, Giêdra Ferreira da; LIMA, Joceli Rocha. Quem faz o ensino de inglês na escola (não) funcionar? In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?: Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011. 214p.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa. In: DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 145-160

HOLDEN, Susan. O ensino da língua inglesa nos dias atuais. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009. In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES: FUNDAMENTOS DO ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Duque de Caixias, n XXXIV, Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/1715/808>>. Acesso em: 20 out. 2014

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Ensino de língua estrangeira para jovens e adultos na escola pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (org). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: parábola editorial, 2009. 246p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009. 246p.

PCNs. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais, 2005.

PECHI, Daniele. **YES, WE CAN SPEAK ENGLISH**. Nova Escola, set. 2014.

PERIN, Jussara Olivo Rosa. Ensino/aprendizagem de inglês em escolas públicas: um estudo etnográfico.

SANTOS JORGE, Míriam Lúcia dos; TENUTA, Adriana Maria. O lugar de aprender língua estrangeira é a escola: o papel do livro didático. . *In*: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: parábola editorial, 2011. 214p.

SCHMITZ, John Robert. Ensino/Aprendizagem das quatro habilidades lingüísticas na escola pública: uma meta alcançável?. *In*: LIMA, Diógenes Cândido de (org). **Ensino e aprendizagem de língua inglesa**: conversas com especialistas. São Paulo: parábola editorial, 2009. 246p.

SILVA, Kleber Aparecido da; ROCHA, Cláudia Hilsdorf. O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas. *In*: SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio (Org). **Materiais Didáticos**: Para o Ensino de língua na contemporaneidade: contestações e propoções. Salvador: Edufba, 2012. p. 485-493

SIQUEIRA, Sávio. O ensino de inglês na escola publica: do professor posição ao professor mudo, chegando ao professor crítico-reflexivo. *In*: LIMA, Diógenes Cândido de (org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: parábola editorial, 2011. 214p.

SOARES, Doris de Almeida. **Introdução à lingüística aplicada e sua utilidade para as pesquisas em sala de aula de língua estrangeira**. 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/revista/40suple/introdao_a_linguistica%20.pdf. Acesso: 05 out. 2014.

TORATO, Caroline. O livro didático público de inglês: uma análise das diretrizes curriculares de língua estrangeira moderna do estado do Paraná. 2010. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/teses/M10_Caroline%20Tortato.pdf. Acesso em: 12/03/2014

VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa. ENGLISH FOR SPECIFIC PURPOSES: FUNDAMENTOS DO ENSINO DE INGLÊS PARA FINS ESPECÍFICOS. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Duque de Caxias, n XXXIV, Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/1715/808>>. Acesso em: 20 out. 2014.

7 ANEXOS

Anexo 1 – Questionário-Docentes

Questionário – Docentes

1. A sua formação contribui para a sua atuação acadêmica em Língua Inglesa?

2. Como você trabalha a disciplina de Língua Inglesa em sala de aula? Que metodologia você utiliza no ensino da Língua Inglesa?

3. Como você utiliza o livro didático nas aulas? Que outros recursos você utiliza?

4. A escola disponibiliza de recursos tecnológicos para as aulas de Língua Inglesa? Quais?

5. Das quatro habilidades (falar, ouvir, escrever, ler), você prioriza alguma? Qual e por quê?

6. Como você avalia seus alunos?

Anexo 2 – Questionário-Discentes



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Centro de Formação de Professores – CFP
Curso de Licenciatura em Letras - Libras/Língua
Estrangeira

Questionário – Discentes

Série: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

1. Você gosta da disciplina Língua Inglesa?

() Sim. Por quê? _____

() Não. Por quê? _____

2. Para você, para que serve o ensino da Língua Inglesa?

() Promover a comunicação entre pessoas de outros países

() Ensinar a ler e escrever textos em Inglês

() Ajudar na utilização de novas tecnologias

() Proporcionar entretenimento/Diversão

() Facilitar o ingresso no mercado de trabalho

() Outros _____

3. Quais destas atividades são mais utilizadas na aula de Inglês?

() A professora escreve no quadro exercícios e conteúdos e os alunos copiam

() A professora utiliza diálogos entre os alunos para treinar conversação

() A professora usa músicas para dinamizar as aulas

() A professora faz atividades do livro

() Outros _____

4. Que recursos a professora utiliza nas aulas de Língua Inglesa?

() Apenas o livro

() Datashow com vídeos ou slides

() Som\ CD com diálogos, músicas

() Atividades impressas

() Exercícios no quadro

5. O que você faz como avaliação para a disciplina de Língua Inglesa?

() Pesquisa no livro ou internet

() Avaliação oral

() Exercícios do livro

() Prova escrita

() Seminário

Outros _____

6. O que você acha do livro didático de Língua Inglesa?

- Bom, pois ajuda a estudar
- É de difícil entendimento
- É de fácil entendimento
- Ajuda na aprendizagem da Língua Inglesa
- É interessante, pois vem acompanhado de um CD
- A professora não utiliza

7. Das quatro habilidades (falar, ouvir, escrever, ler) qual(is) a professora utiliza nas aulas?

- Apenas ler
- Ler e escrever
- Ouvir e escrever
- Escrever e falar
- As quatro (falar, ouvir, escrever, ler)

8. O que você já aprendeu de Inglês em relação aos conteúdos vistos até agora?

- Estruturas gramaticais tais como: tempos verbais (Presente Simples, Passado Simples), adjetivos,etc.
- Temas diversos (Cores, Dias da semana, Animais)
- Vocabulário básico do dia-a-dia como: saudações (Bom dia, Boa tarde, Até logo, Tchau)
- Leitura de textos informativos
- Pequenos diálogos
- Vocabulário com tradução
- Atividades comunicativas com diálogos
- Outros _____

9. O que você acha do ensino de Inglês nas escolas?

- É bom, mas ainda é fraco
- É Importante para a vida social
- Não é fundamental para o crescimento pessoal e/ou profissional
- Ótimo/ aprende-se muito
- As aulas de Inglês não ajudam na aprendizagem da Língua Inglesa
- Faltam professores qualificados em Língua Inglesa

10. Que tipos de atividades você gostaria de fazer nas aulas de Inglês?

- Escrever textos
- Fazer diálogos em sala
- Trabalhar com música
- Assistir e trabalhar vídeos ou documentários
- Fazer exercícios gramaticais
- Utilizar mais o livro didático
- Ler textos em sala de aula

Anexo 3 – Termo de autorização da escola

 <p>UFBRB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia</p>	<p>Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB Centro de Formação de Professores – CFP Curso de Licenciatura em Letras - Libras/Língua Estrangeira</p>
---	--

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, Vanusa dos Santos Lima, aluna da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores responsável principal pelo projeto de Graduação venho pelo presente, solicitar vossa autorização para realizar este projeto de pesquisa no Colégio Estadual Pedro Calmon, para o trabalho de pesquisa sob o título O ENSINO DA LINGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MEDIO, orientado pelo Professor Eleomarques Ferreira Rocha.

Este projeto de pesquisa tem como objetivo observar a realidade da escola, bem como analisar a opinião dos alunos em relação à disciplina de Língua inglesa. A pesquisa não apresentará riscos aos participantes e a identidade destes será mantida no mais rigoroso sigilo. Os dados serão coletados através de questionários e de observação de aulas e do contexto escolar. Os resultados da pesquisa serão apresentados de forma anônima, excluindo-se informações que permitam identificar os participantes.

Vanusa dos Santos Lima

Pesquisador

Lúcia Marisa A.S. Siqueira de Almeida

Responsável pela Instituição

Eleomarques Ferreira Rocha

Orientador

Amargosa, 01 de Setembro de 2015

.Anexo 4 – Termo de consentimento da participante

	<p align="center">Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB Centro de Formação de Professores – CFP Curso de Licenciatura em Letras - Libras/Língua Estrangeira</p>
---	--

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Vanusa dos Santos Lima, aluna da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, convido-o(a) a participar da pesquisa: O ENSINO DA LINGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MEDIO como voluntária. O estudo tem como objetivo observar a realidade da escola, bem como analisar a opinião dos alunos em relação à disciplina de Língua inglesa. A pesquisa não apresentará riscos aos participantes e a identidade destes será mantida no mais rigoroso sigilo. Os dados serão coletados através de questionários e de observação de aulas e do contexto escolar. Os resultados da pesquisa serão apresentados de forma anônima, excluindo-se informações que permitam identificar os participantes.

Atenciosamente,

Vanusa dos Santos Lima
Pesquisador

03/12/2015 - Amargosa
Local e data

Leomarques Ferreira Rocha
Orientador

Amargosa, 27/11/2015
Local e data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Ana Paula S. Capula
Participante

Amargosa, 01/12/15
Local e data

Anexo 5 – Termo de consentimento da participante

	<p align="center"> Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB Centro de Formação de Professores – CFP Curso de Licenciatura em Letras - Libras/Língua Estrangeira </p>
---	--

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Vanusa dos Santos Lima, aluna da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, convido-o(a) a participar da pesquisa: O ENSINO DA LINGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MEDIO como voluntária. O estudo tem como objetivo observar a realidade da escola, bem como analisar a opinião dos alunos em relação à disciplina de Língua inglesa. A pesquisa não apresentará riscos aos participantes e a identidade destes será mantida no mais rigoroso sigilo. Os dados serão coletados através de questionários e de observação de aulas e do contexto escolar. Os resultados da pesquisa serão apresentados de forma anônima, excluindo-se informações que permitam identificar os participantes.

Atenciosamente,

Vanusa dos Santos Lima

Pesquisador

Amargosa, 01/12/2015

Local e data

Leomarques Ferreira Rocha

Orientador

Amargosa, 27/11/2015

Local e data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Dilma Martins Santos

Participante

Amargosa, 01/12/15

Local e data